

**A REALIDADE DIVINA: SOBRE A POSSIBILIDADE DE PARTICIPAR DO IMPARTICIPADO EM PROCLO**

*The divine reality: about the possibility of participating on the Unparticipated in Proclus*

---

Suelen Pereira da Cunha<sup>1</sup>

**RESUMO**

A filosofia de Proclo é caracterizada por um sistema no qual a unidade é causa e primeiro princípio da realidade. Deste modo, o objetivo deste trabalho é apresentar uma análise do Uno procleano como fundamento da realidade mesmo diante da ideia de que o princípio é imparticipado. Neste sentido, o texto é composto por três partes, a primeira versa sobre a relação uno-múltiplo; a segunda, sobre o movimento de processão e; por fim, sobre o papel das *Hénadas* no desenvolvimento do sistema. O trabalho está fundamentado nas obras *Elementos de Teologia* e *Teologia Platônica* de Proclo.

**Palavras-chave:** Uno. Múltiplo. Realidade. Participação.

**ABSTRACT**

The Proclus' philosophy is characterized by a system in which the one is cause and first principle of reality. This way, this paper aims to present an analysis of the Proclus' One as the fundament of reality even in the face of an unparticipated principle. Therefore, this work is formed by three parts: the first considers the relationship one-multiple; the second considers the procession's movement, and; finally, the function of the *Henads* in Proclus' system. The paper is based in *The Elements of Theology* and *Platonic Theology* of Proclus.

**Keywords:** Une. Multiple. Reality. Participation.

**Introdução**

Neoplatônico do séc. V da era comum, Proclo tem seu sistema pautado na unidade como causa e princípio de todas as coisas. O filósofo, seguindo a linha desenvolvida desde Plotino, apresenta um sistema no qual as hipóteses apresentadas por Platão, no diálogo *Parmênides*, são entendidas

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal do Ceará. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [suelenldp2011@gmail.com](mailto:suelenldp2011@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7062-7971>.

como *hipóstases*. Assim, o exercício dialético apresentado no diálogo platônico é interpretado pelo neoplatônico como aquele que demonstra mais do que um exercício, o modo com que a realidade é constituída. Estudiosos como Trouillard entendem que, para Proclo, este não se trata somente de exercício lógico sem alma e vida, mas de uma descoberta metafísica envolvida na mística<sup>2</sup>.

À medida que as afirmações e negações sobre o uno em relação a si mesmo e aos outros são compreendidas como a própria constituição da realidade, os sistemas neoplatônicos passam a entender o *cosmo* como possuindo seu fundamento na unidade (τὸ ἕν), e não no ser (τὸ ὄν). Se está a falar de um sistema *henológico*. Ao mudar o fundamento da realidade, ocorre a mudança em toda a concepção de conhecimento, desenvolvimento do real e relação entre termos, sendo justamente por esta mudança que a mística se faz tão presente no neoplatonismo, principalmente, no pós-plotiniano, que estabelece uma separação mais acentuada entre o Uno e o *Noús* e tornando indispensável a presença de intermediários.

Ao estabelecer o Uno como fundamento, os sistemas neoplatônicos erigem uma realidade cujo primeiro princípio tende a escapar de toda relação, porque não participa do ser e, portanto, está acima de toda predicação. A unidade primeira é transcendente, o que leva a um problema no que diz respeito a sua relação com as demais *hipóstases*, dado que não há participação direta entre o primeiro princípio e os seres que compõem o sistema. A transcendência do Uno leva à problemática: se a causa primeira é fundamento de toda a realidade e, simultaneamente, é imparticipada, como ela pode ser este fundamento?

Frente à problemática apresentada, este trabalho visa compreender como é possível falar de um fundamento *henológico* em um sistema no qual a causa primeira é imparticipada. Esta discussão está ancorada na filosofia procleana, tendo como referências principais os *Elementos de Teologia* e a *Teologia Platônica*. Assim, é apresentada a relação entre unidade e multiplicidade, evidenciando a necessidade da anterioridade da unidade frente à multiplicidade, qual o papel da Processão e como ela se dá no sistema pro-

---

<sup>2</sup> TROUILLARD, J. *Le 'Parménides' de Platon et son interprétation néoplatonicienne*, 1973, p 88

cleano e, por fim, como as *Hénadas* tem lugar indispensável para o desenvolvimento das hipóstases, sendo o elemento que possibilita a unidade como princípio e fundamento de toda a esfera do real.

### Da constituição da realidade a partir do uno e múltiplo

Na filosofia procleana a unidade tem lugar central, de modo tal que é dito “toda multiplicidade participa de alguma maneira da unidade” (*E.T.* Prop. 1)<sup>3</sup>. A afirmação do Diadoco deixa subentendido que a unidade é anterior e, portanto, tende a ser princípio de toda multiplicidade<sup>4</sup>. A ideia da unidade como anterior e princípio da multiplicidade não se faz presente somente na citação mencionada, ela é demonstrada por um argumento lógico presente na *Teologia Platônica*<sup>5</sup>. Proclo, na *T.P.*, mais especificamente no Livro II, apresenta três alternativas: dos seres serem puramente multiplicidade (*πολλά*), ou puramente unidade (*ἓν*), ou múltiplo e uno<sup>6</sup>.

Ao analisar a possibilidade de os seres serem puramente multiplicidade, é dito que se tudo fosse múltiplo toda natureza dos seres se esvairia, pois o que não participa do uno é nada (*μηδέν*). Restam duas alternativas: ou de todo *ser* ser um (*ἕκαστόν*) ou ser nada. Se a multiplicidade for alguma coisa, cada um dos seus elementos deve ser alguma coisa, sendo um. Se cada elemento não for um, o múltiplo não pode existir, pois o múltiplo, enquanto todo, é a soma dos seus elementos<sup>7</sup>. Insistindo na possibilidade dos seres serem múltiplos, tem-se a consequência de que eles seriam infinitos uma infinidade de vezes<sup>8</sup>, já que tanto a multiplicidade como um tudo seria

---

<sup>3</sup> PROCLUSO, *Elementos de Teologia*, prop. 1. Todas as citações serão da nossa autoria. De agora em diante citaremos os Elementos de Teologia na seguinte forma: *E.T.*

<sup>4</sup> Para Dodds, tal assertiva teria sua autoridade no *Parmênides* de Platão 157c, passagem em que toda multiplicidade é posta como participante do uno. Esta interpretação também teria sido apropriada por Plotino na *Enn* VI e V. O argumento formal utilizado, no entanto, se acharia não em Platão, mas em Aristóteles, na *Física*, 204 a 20, quando o Estagirita discorre a respeito dos embaraços da infinidade (como diferente de potencialidade) divisível e a dificuldade de compreender um número infinito. DODDS. In: PROCLUS. *The Elements of Theology*. 2ª Ed. A revised Text with translation, introduction, and commentary by E.R. Dodds. New York: Oxford, 2004. p. 188-189.

<sup>5</sup> Todas as citações desta obra serão da nossa autoria A partir de agora mencionada somente como *T.P.*

<sup>6</sup> Cf. PROCLUS. *Théologie Platonicienne*. II, 3.12-4.3.

<sup>7</sup> Cf. PROCLUS. *Théologie Platonicienne*. II, 4.8-22.

<sup>8</sup> Cf. PROCLUS. *Théologie Platonicienne*. II, 4.23-6.3.

composta de partes infinitas, quanto cada parte da parte que compõe a multiplicidade seria infinita<sup>9</sup>.

Sobre a possibilidade de só haver multiplicidade, é levantado um terceiro argumento. A atenção se volta para as relações de semelhança e dessemelhança entre os seres que, sendo tão somente múltiplos, em nada participariam da unidade. Se houvesse somente multiplicidade, cada ser seria somente não-uno, sendo semelhantes, uma vez que teriam a privação da unidade como ponto em comum. Neste caso, a semelhança se daria pela situação e não por uma qualidade determinada, já que este não-uno não participaria de qualquer determinação. Por outro lado, os mesmos seres seriam dessemelhantes<sup>10</sup>, em razão de, devido à privação, não haver uma característica determinada que lhes possibilite uma comunicação.

Há aí uma contradição, visto que algo seria semelhante e dessemelhante ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto<sup>11</sup>. Assim, semelhança e dessemelhança se anulariam, dado que não podem coexistir em um mesmo termo, sob o mesmo aspecto em um mesmo espaço temporal. Consequentemente, diante da existência só da multiplicidade, não haveria relação de semelhança e dessemelhança, nem de identidade e diferença. A inexistência de tais relações já coloca em cheque a possibilidade de qualquer conhecimento sobre os seres, dado que não haveria meio pelo qual se faça comparações entre os termos, pois semelhança/dessemelhança e identidade/diferença não seriam categorias pelas quais os termos pudessem ser analisados.

Em conclusão, se só existe o múltiplo, o uno não existiria de nenhuma maneira, é a todas essas absurdidades e ainda a outras que aqueles que admitem essa tese são conduzidos. Mas, em contrapartida, se só existe o uno, o uno em si, e se não há nenhuma outra existência (sem o que o uno não existisse só, mas também o múltiplo, pois o uno e outros unos seriam mais que uno e não o uno somente), nenhum dos seres formaria um todo nem teria partes (*TP*, II, 9.3-9. Tradução nossa).

---

<sup>9</sup> Ademais, admitir tal coisa significa admitir uma gradação no próprio infinito, transgredindo sua natureza. A gradação se daria na medida em que haveria um infinito maior, aquele referente à multiplicidade como um todo, e um infinito menor, aquele relativo à parte que compõe a totalidade da multiplicidade.

<sup>10</sup> Para que haja semelhança é preciso que os seres participem de algo em comum, todavia, sendo somente não-uno, os seres estariam em completa privação. Ao ser não-uno, eles não participariam de nada, fazendo com que a privação que os teria tornado semelhantes também os teria tornado dessemelhantes.

<sup>11</sup> Cf. PROCLO, *Teologia Platônica*, II, 6.3-18.

Se o uno existisse sozinho, não haveria o todo, porque o todo é composto por partes e o que tem partes é múltiplo. O ser não estaria nele mesmo nem em outro, também não estaria em repouso ou em movimento, porque o que se move muda e se muda passa de um estado a outro<sup>12</sup>. Também não seria idêntico ou semelhante a outro, pois, se nada existisse além do uno em si, significaria que não haveria outro elemento para comparação. O uno nem é idêntico nem diferente de si mesmo, porque se o fosse significaria que ele seria o outro ao qual se compara e, neste caso, já não seria somente uno<sup>13</sup>. Se os seres não são nem só unos e nem só múltiplos, resta que eles sejam unos e múltiplos.

### A relação entre unidade e multiplicidade

Uma vez estando claro que é necessário que a realidade seja constituída de unidade e multiplicidade, é preciso observar qual a relação existente entre esses dois termos. Neste sentido, Proclo, tanto nos *Elementos de Teologia*<sup>14</sup> quanto na *T.P.*, investiga se a unidade e multiplicidade existem separadamente, se participam uma da outra ou, se somente uma participa da outra. Deste modo, na *T.P.* a hipótese da não comunicação entre o uno e o múltiplo é descartada sob alegação de ter as mesmas consequências de os seres serem só unidade ou só multiplicidade<sup>15</sup>. A possibilidade da unidade participar da multiplicidade é absurda, uma vez que, se isto ocorresse, a própria unidade seria múltipla. Fica evidente que a única alternativa possível é da multiplicidade participar da unidade.

Para demonstrar que toda multiplicidade participa da unidade, na proposição 5 dos *E.T.*, Proclo tece uma argumentação partindo da tese de que “toda multiplicidade vem depois do uno” (*E.T.* Prop. 5, II, 9.5-10.2)<sup>16</sup>. A argumentação segue a seguinte lógica: se a multiplicidade fosse anterior ao uno, o uno participaria da multiplicidade, mas a multiplicidade não participaria do uno, já que a unidade sequer existiria. Se uno e múltiplo coexistis-

<sup>12</sup> Estando em si mesmo, possuiria partes: a que contém e a que é contida. O que possui partes não seria um.

<sup>13</sup> Cf. PROCLO, *Teologia Platônica*, II, 9.5-10.20.

<sup>14</sup> A partir de agora referenciado como E.T.

<sup>15</sup> Cf. PROCLO, *Teologia Platônica*, II, 12. 5-15.

<sup>16</sup> Tradução nossa.

sem, o uno seria uno e a multiplicidade, múltipla. Sendo a multiplicidade não-una ela seria uma infinidade de infinitos em cada uma de suas partes, levando às mesmas consequências da proposição 1. O uno em si, por sua vez, é posto como aquele que de nada participa. Chega-se à conclusão de que toda multiplicidade tem existência a partir do Uno<sup>17</sup>.

Ao comparar unidade e multiplicidade, o Bizantino estabelece um tipo de unidade que transcende todos os seres. Todavia, a ideia de transcendência não admite a de participação, dado que pressupõe uma separação entre o que transcende e o que é transcendido. Logo, para que o Uno seja causa, ele deve ser participado por seus efeitos. Mas, como o Uno pode ser causa se ele é imparticipado e transcendente?<sup>18</sup>

A conclusão de tudo isso é que é primeiramente necessário que o múltiplo participe do uno; segundo, que o uno seja sem mistura com a multiplicidade; terceiro, que não haja nada superior ao uno, mas que o uno seja para o múltiplo causa do seu ser. Em efeito, tudo o que é privado do uno vai em direção ao nada e a sua própria diminuição; enquanto o que não é múltiplo, não é, como um não-múltiplo, nada. O que se opõe ao múltiplo é o não-múltiplo: se o uno e o múltiplo não são idênticos, o não-múltiplo não poderia ser idêntico ao nada (*E.T.* II, 14.8-16)

O princípio primeiro de todas as ordens é o Uno, que na filosofia procleana é identificado ao Bem, como pode ser observado quando, na proposição 12, é dito: “tudo o que existe tem o Bem como seu princípio e causa primeira”(E.T. Prop. 12). Ao afirmar o Bem como causa primeira, após ter demonstrado que a causa primeira deve ser somente uma e a ter indicado como sendo o Uno, percebe-se que Uno e Bem correspondem ao mesmo elemento. Neste sentido, deve-se ter em mente que o primeiro princípio, ao ser causa de todas as coisas, é o que lhes assegura existência<sup>19</sup>. Porém, ele mesmo, enquanto tal, não é causa. O que se quer dizer é que o Primeiro, por

<sup>17</sup> Até o presente momento, o termo ‘uno’ foi escrito com inicial minúscula porque estava-se a tratar sobre uma unidade em sentido *lato*, isto é, o uno em geral em comparação com a multiplicidade. A partir daqui ‘Uno’ estará grafado com inicial maiúscula todas as vezes que estivermos a tratar do primeiro princípio do sistema procleano.

<sup>18</sup> Aqui é interessante uma observação relativa ao termo Uno: primeiro é preciso compreender que ainda que o título da obra procleana remeta a uma teologia, o termo *teologia* não aparece nenhuma vez no tratado e o próprio termo *Theos* só começa a aparecer na proposição 113. Ademais, o tratado recebe o nome de *Elementos de Teologia* por versar sobre os princípios que rege a ordem do real Cf. CHARLES-SAGET, Annick. *L'architecture du divin: mathématique et philosophie chez Plotin et Proclus*. Paris: Les Belles Lettres, 1982. p. 208.

<sup>19</sup> Esta imagem do princípio como aquele que mantém e dá existência aos seres já se encontra na *República* de Platão, quando o fundador da Academia apresenta sua analogia do Sol fazendo referência ao Bem. Cf. PLATÃO, *República*, 508b-c.

não participar da esfera do ser, não pode ser dito segundo nenhuma das categorias do real. Tudo o que dele é dito o é a partir de seus efeitos.

São duas, como foi visto, a maneira de dar uma indicação sobre o Uno; pois dois são os nomes que Platão nos transmitiu desta causa inefável. Na *República*, em efeito, ele a denominou o Bem e mostra que ela é a fonte da verdade que unifica o intelecto e os inteligíveis; e no *Parmênides*, ele nomeou o Uno como Primeiro Princípio e revelou como ele faz existir as *Hénadas* divinas. Novamente, entre estes nomes, o segundo é uma imagem da processão do universo inteiro, o primeiro, de sua conversão (*T.P.* II, 40.2-10)

### A Processão no sistema procleano

Ao teorizar o Uno como transcendendo a toda a esfera do real, sendo imparticipado, ao mesmo tempo em que é causa e princípio de todas as coisas, foi necessário ao bizantino apresentar um mecanismo que salvaguardasse a tese do primeiro princípio como fundamento, sem que tal tese caia no absurdo<sup>20</sup>. Este mecanismo é o movimento de Processão<sup>21</sup> que, segundo Beierwaltes, “va considerata come fondamento del dinamismo e dell’unitarietà del cosmo”<sup>22</sup>. O movimento de Processão reúne em si tanto a ideia de unidade quanto de multiplicidade, trata-se da representação da unidade dinâmica exposta a partir de três momentos: processão (*πρόοδος*), permanência (*μονή*) e retorno (*ἐπιστροφή*), que se dão simultaneamente.

Proclo dedica uma sessão completa<sup>23</sup> dos *E.T.* ao movimento de Processão, demonstrando a impossibilidade dos momentos ocorrerem separadamente. A extensa demonstração não é à toa, ela se faz necessária porque só por meio deste movimento é possível admitir a relação de participação entre causa e causado, mais especificamente, entre o Uno e a multiplicidade dos seres.

---

<sup>20</sup> O movimento circular não é uma invenção de Proclo, ele se fez presente no neoplatonismo desde Plotino, ainda que com o Licopolitano não tivesse denominado a distinção de cada um dos momentos que compõe a Processão. A tríade como está presente na filosofia procleana só começa a ser desenvolvida com Jâmblico e, há indícios que também por Siriano, de quem Proclo teria tido influência direta e a quem atribui a tríade. Mais sobre o desenvolvimento da tríade de Processão, ver: BEIERWALTES, Proclo. I fondamenti della sua metafísica, 1990, p. 198-203.

<sup>21</sup> O termo Processão, escrito com inicial maiúscula, neste trabalho, diz respeito a todo o momento da Processão, a saber, de todos os momentos que a compõem. O termo escrito com iniciais minúsculas trata-se, aqui, do movimento específico de proceder.

<sup>22</sup> BEIERWALTES, *Op. cit.*, 1990, p. 161

<sup>23</sup> Sessão D, que corresponde às proposições 24 a 39

Os estudiosos de Proclo, como Beierwaltes<sup>24</sup> e Caram<sup>25</sup>, entendem que o movimento de Processão diz respeito ao movimento do pensamento, o que poderia nos levar a entender que ele não se aplicaria ao Uno, já que este não participa do intelecto. Esta questão, no entanto, não se sustenta, uma vez que a Processão, ainda que seja a representação do movimento do pensamento, é, também, o modo pelo qual a causa produz os seus efeitos (*E.T. Prop.25*).

Deste modo, é por meio da unidade dinâmica, representada no movimento de Processão, que a participação no imparticipado é possível, ainda que tal formulação pareça contraditória. Ocorre que, para o bizantino, a tríade que compõe a Processão não é regida pelas regras temporais, já que se o fosse se trabalharia com um antes e depois, o que não é o caso. Não sendo o tempo o que rege o movimento de Processão, este se dá por semelhança, superabundância da causa e o desejo de retorno do causado à causa. Neste sentido, Reegen, em sua análise, entende que mediante a Processão “se visualiza, mais uma vez, a grande ordem hierárquica, uma vez que tanto a processão como a volta se realizam em todos os níveis do ser”<sup>26</sup>.

Reegen, ao indicar que pela Processão se visualiza a ordem hierárquica, está de acordo com a proposição 36 dos *E.T.*, que afirma que “Todos os seres que se multiplicam pela processão, os primeiros são mais perfeitos que os segundos e estes, mas que os seguintes” (*E.T. Prop. 36*). É justamente ao estabelecer uma ordem de seres que são diferenciados, primeiramente, pela perfeição, isto é, pela potência produtiva, que esta hierarquia ganha forma. No sistema procleano, ela se dá mediante o grau de participação e proximidade das *hipóstases* na causa primeira, sendo o sistema composto pelas *hipóstases* divina, inteligível, psíquica e física. A tríade composta pelos termos: imparticipado, participado e participante, somada à Processão, delinea o modo circular de desenvolvimento do sistema, de maneira que tudo permanece em sua causa, procede dela e retorna a ela (*E.T. Prop. 35*).

---

<sup>24</sup> Cf. BEIERWALTES, *Op. cit.*, 1990, p. 161.

<sup>25</sup> Cf. CARAM, *La continuidad ontológica en el pensamiento de Proclo*, 2014, p. 117.

<sup>26</sup> REEGEN, *Os elementos teológicos de Proclo*, 2001, p. 275.

A saída da unidade, por sua superabundância de potência, em direção à multiplicidade <sup>27</sup> é o que torna possível a existência de todas as *hipóteses*. Todavia, é válido lembrar que o ato de proceder que é, também, um ato de produzir, se dá por semelhança; o que implica em o produto ser sempre semelhante ao produtor. Ademais, não se pode esquecer que o movimento de Processão é um movimento imóvel, cujos momentos se dão simultaneamente, fazendo com que a permanência da causa no causado possibilita uma comunicação ininterrupta entre ou seja, a permanência da causa no causado possibilita uma comunicação ininterrupta entre causa e efeito, sendo a semelhança, somada à diminuição de potencialidade, que leva o efeito a deseja retornar a causa. Está completo, assim, o círculo que sustenta o sistema do Diadoco.

### **As *Hénadas* como elementos possibilitadores da Processão**

Os termos intermediários ganham lugar central na filosofia de Proclo, em razão de ser por meio deles que o movimento de Processão, e com ele a participação, vem a alcançar todos os elementos do sistema. Isso porque pela Processão a totalidade do real se desenvolve em ordens seriais, que se interligam pela semelhança entre causa e causado<sup>28</sup>. Esta semelhança entre produto e produtor faz com que o primeiro elemento a proceder, ainda que seja múltiplo, seja extremamente semelhante ao Uno. Berger faz a seguinte comparação:

Les Unités ne font qu'un; tous les Dieux sont tous. Comme l'Un dont elles procèdent, elles sont supérieures à l'essence, et, par conséquent, à l'Éternité. Comme l'Un, elles sont ineffables. L'Un n'est autre que le Bien: l'Unité n'est autre que la Bonté. Tout émane de Dieu: des Unités dérivent toutes les essence. Voilà les traits qu'elles conservent de l'Un; voici maintenant par où elles s'en distinguent (BERGER, 1840, p. 27).

As *Hénadas* não são o Uno, dado que o primeiro deve ser tão somente um. Logo, tudo o que é posterior ao Uno tem de ser não-uno, isto é, diferentes do Uno, sendo sob a perspectiva do não-uno que elas podem ser

---

<sup>27</sup> É importante observar que esta saída da unidade em direção à multiplicidade, por meio do movimento de processão, não implica em qualquer diminuição ou alteração do Uno, como pode ser observado na proposição 26, na qual é dito que “Toda causa produtiva produz os seres que se seguem imediatamente e os que vem depois permanecendo imóvel em si mesma”. Cf. PROCLO, *Elementos de Teologia*, prop. 26

<sup>28</sup> Cf. PROCLO, *Elementos de Teologia*, prop. 28.

múltiplas. Considerando que “a negação da unidade é ao mesmo tempo negação de toda existência” BERGER, 1840, p. 16. Tradução nossa) toda multiplicidade só pode ser composta de unidades, sendo ela própria feita unidade na medida em que é um todo. Mas, por outro lado, sendo os elementos que mais estão próximos do Uno, as *Hénadas* são apresentadas como procedendo horizontalmente do primeiro princípio, sendo da mesma natureza que ele<sup>29</sup>.

No entanto, apesar delas possuírem os mesmos atributos do Uno, na medida em que não são o mesmo que ele, se diferenciam ao serem passíveis de participação. Neste sentido, Proclo é categórico ao afirmar: “O Uno é imparticipado; as *Hénadas*, participadas” (*E.T.* III, 4,14.10). A possibilidade de serem participadas se dá em razão de elas, e não o Uno, serem causas imediatas dos seres, sendo pelos seres que participam da *Hénadas* que se pode conhecê-las. Isso em razão de que, pelo grau de unificação, por elas mesmas, nenhuma característica pode ser distinguida.

Ao teorizar um grupo de unidades unificadoras, a participação finalmente torna-se possível, pois este grupo é o participado da tríade da participação. Assim, as *Hénadas* apresentam uma ordem de comunicação na qual o participante só participa do imparticipado através do participado, dado que “Todo aquele que é imparticipado produz, a partir de si mesmo, o participado; e todas as substâncias participadas estão ligadas por uma tendência ao alto em direção às existências imparticipadas” (*E.T.* Prop. 23).

Na filosofia procleana não há comunicação direta entre os extremos, o que leva o bizantino a se afastar de Plotino, no que diz respeito à ordem do sistema, e levar a cabo a tese iniciada por Jâmblico, introduzindo intermediário entre o Uno e o *Noús*<sup>30</sup>. Estes intermediários, no pensamento procleano, são elementos indispensáveis para o dinamismo de todo o sistema do Diadoco. Isso porque, ao serem os elementos fundamentais para a Processão, as *Hénadas* são duplamente intermediárias.

Elas atuam como intermediárias entre si, no que corresponde à Processão horizontal, conforme fica claro quando é dito que “Toda hierarquia divina está unida a si mesma de um modo triplo: desde a parte mais alta que

---

<sup>29</sup> Cf. PROCLO, *Elementos de Teologia*, prop. 162.

<sup>30</sup> Cf. SAFREY; WESTERINK, *Introduction*, 2003. p. X-LX.

há nela, os intermediários até os termos finais” (*E.T.* Prop. 148). Mas também permitem a Processão e participação no desenvolvimento vertical do sistema.

Toda ordem tem seu princípio em uma mônada e procede até a multiplicidade coordenada com ela; e toda ordem de multiplicidade retorna a sua mônada. E isso porque a mônada, sendo por definição um princípio, gera a multiplicidade que a pertence; por ela existe uma única série e uma única ordem que tem na mônada o ponto de partida do seu caminho até a multiplicidade (*E.T.* Prop. 21).

À medida que o grau de participação está associado ao de semelhança, tem-se um fenômeno interessante quanto à definição da escala das *Hénadas* e do próprio Uno<sup>31</sup>, que é o fato de elas serem imparticipadas enquanto mônadas de séries<sup>32</sup>, e, ao mesmo tempo, participadas, por serem os primeiros elementos de mediação entre unidade e multiplicidade. Sendo as primeiras a descenderem do Uno, as *Hénadas* permitem que ele seja Imparticipado, uma vez que é delas que todos os seres participam. Isto fica claro na proposição 137 quando é dito que “toda *hénada* coopera com o Uno para fazer existir o ser que dela participa”. Cada *hipóstase* tem origem, com sua característica própria, nas *Hénadas*, como fica provado na proposição 135.

Toda *Hénada* divina é participada, sem mediação, por uma só unidade da ordem dos seres e toda unidade divinizada se liga por uma ascendente a uma só uma *Hénada* divina. Assim, há tantas *Hénadas* participadas quando gêneros de seres que participam (*E.T.* Prop. 135).

### Considerações finais

As *Hénadas*, como elemento que não só permite a mediação horizontal como a vertical, torna-se o elemento sem o qual a participação no imparticipado não seria possível. Isto em razão de que, ao ser mônada das ordens seriais, elas se mostram como estando ainda na esfera divina, sendo

---

<sup>31</sup> O próprio Uno é imparticipado por ser o primeiro, todavia, se ele fosse completamente separado de todas as coisas, significaria dizer que nada teria produzido. Assim, ainda que imparticipado, o Uno é participado pelas *Hénadas* divinas.

<sup>32</sup> Na proposição 24, Proclo define o imparticipado como sendo a unidade que precede aos que são muito. Já como participado, é posto aquele que está presente no que são múltiplos. Assim, uma vez que as *Hénadas* são o primeiro grupo de unificado, conforme proposição 6 dos *Elementos de Teologia*, elas são o topo da multiplicidade que se segue. Enquanto topo, elas, bem como o Uno, são separadas e transcendentemente, sendo, portanto, imparticipadas.

também imparticipadas em algum grau. Eis aí o sempre presente aspecto místico do pensamento procleano. Todavia, enquanto procedidas diretamente do primeiro princípio, elas são o mesmo que ele, mas potencialmente inferiores. Esta inferioridade é já demonstrada no fato de elas, ainda que sejam unas, serem também não-unas, dando início à multiplicidade que será melhor distinguida na esfera do real.

Logo, se a dificuldade do Uno de ser fundamento de todos os seres se dava em razão da não comunicação direta entre o imparticipado e aquele que participa, isto é, entre a comunhão entre os extremos das tríades, com a teorização de um elemento intermediário esta dificuldade é superada. Isso a medida em que, por meio do movimento de Processão, “Tudo está em tudo, mas cada um de seu modo próprio”(E.T. Prop. 103). A atividade circular que rege o movimento de Processão faz com que do Uno transcendente proceda uma série de *Hénadas*, que são a chave para que toda a esfera do real retorne à causa primeira sem que, para isto, os seres precisem se comunicar diretamente com o Uno.

Por haver um retorno e permanência do produto no produtor ao mesmo tempo em que se dá a processão é que o Uno pode permanecer sendo causa, mesmo estando separado de todos os seres. Contudo, como observado, isso só é possível por que há um intermediário ao qual todos os seres podem retornar, sendo ele próprio denominado de participado. As *Hénadas*, então, se apresentam no sistema procleano com importância tal que sem elas não seria possível teorizar a respeito de uma *henologia*, dado que o Uno não poderia ser fundamento, ou porque não seria uno ou porque não haveria entre ele e os participantes qualquer comunicação, ainda que mediada. Mas, uma vez que a passagem abrupta entre a esfera do real e a da unidade absolutamente simples deu lugar à presença de intermediárias, o Uno pode continuar a ser fundamento no sistema neoplatônico pós-plotiniano de tendência especulativo-teúrgica.

*Recebido em 05/04/2021 e aprovado em 29/04/2021*

## Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Volume II. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário: Giovanni Reale; tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2013.

BENOIT. Hector. In: *Elementos de Teologia – Proclus, o diádoco*. Boletim do CPA. N. 7, jan/jun. Campinas: 1999. p. 117-123.

Beierwaltes, Werner. *Proclo. I fundamenti della sua metafisica*. tradução: dNicoletta Scotti, Introdução: Giovanni Reale, Milano: Pubblicazioni della Università del Sacro Cuore, 1988.

BERGER, A. *Proclus, exposition de sa doctrine*. Paris, 1840.

CHARLES-SAGET. *L'architecture du divin: mathématique et philosophie chez Plotin et Proclus*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

DODDS. E.R. *Introduction*. In: PROCLUS. *The Elements of Theology*. 2º Ed. A revised. New York: Oxford, 2004.

PLATÃO. *Parmênides*. Tradução e notas: Maria José Figueiredo. Introdução de José Trindade Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001

\_\_\_\_\_. *República*. Tradução: Carlos Alberto Nunes; texto grego John Burnet. Belém: ed.UFPA, 2016.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Tradução, apresentação, notas e ensaio final de Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2000.

PROCLUS. *The Elements of Theology*. 2º ed. A revised Text with translation, introduction, and commentary by E.R. Dodds. New York: Oxford, 2004.

\_\_\_\_\_. *Théologie Platonicienne; Livre I-III*. Texte établi et traduit par H. D. Saffrey et L.G. Westerink. Paris: Les Belles Lettres, 1968-2003.

\_\_\_\_\_. *Teologia Platônica*. Traduzione, note e apparati di Michele Abbate. Prefazione di Warner Beierwaltes, introduzione di Giovanni Reale. Texto Greco a fronte. Milano: Bompiani, 2012.

REEGEN, Jan Gerard Joseph ter. *Deus não pode ser conhecido. A incognoscibilidade divina no Livro dos XXIV Filósofos (XVI e XVII) e suas raízes na tradição filosófica ocidental*. In: Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval. N° 2, 2002. pp. 150-170. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2226909>. Acesso em: 06 de Agosto de 2018.

\_\_\_\_\_, Jan Gerard Joseph ter. *Os Elementos Teológicos de Proclo*. pp. 267-286. In: Bauchwitz, Oscar Federico (org.). O neoplatonismo. Natal: Argos, 2001.

TROUILLARD, Jean. *La mystagogie de Proclo*. Paris: Les belles lettres, 1982.

\_\_\_\_\_, Jean. *Le «Paménide» de Platon et son interprétation néo-platonicienne*. pp. 83-100. In: *Revue de théologie et de philosophie*. V. 23, 1973. Disponível em: <https://www.e-periodica.ch/digbib/view?pid=rtp-003:1973:23::521#86>. Acessado em: 23 de Março de 2021.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).